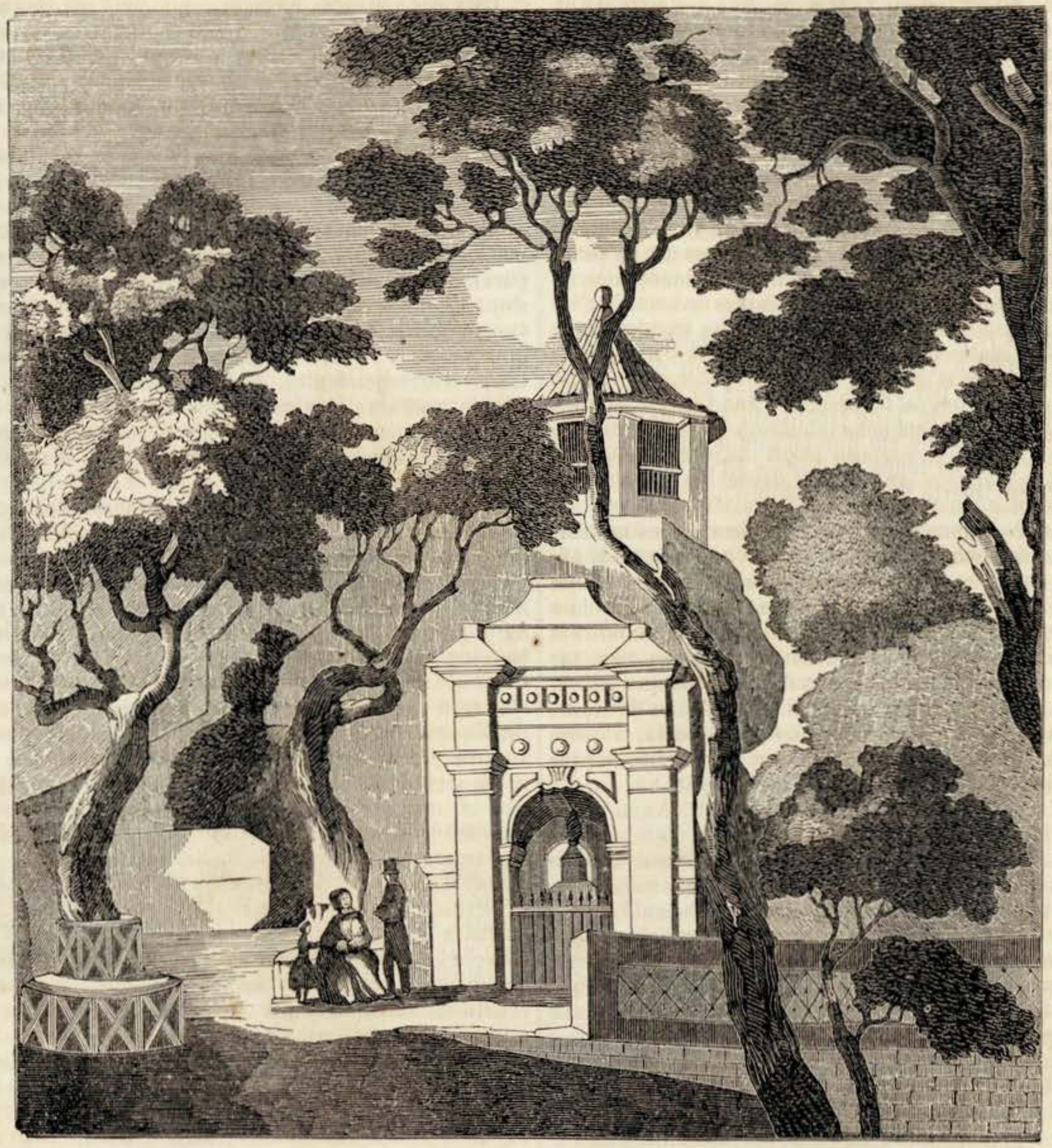
CHINA.



MACAU. — GRUTA DE CAMÕES. — Gravura de Coelho.

O desenho que vae n'este numero representa com exactidão daguerreotypica o celebrado logar conhecido em Macau por este nome, e onde, segundo as tradições locaes, o grande cantor passava solitario longas horas, provavelmente d'amargurada saudade, ou de poetica exaltação.

É de suppor que alli compozesse alguma parte, se não toda a sua epopea. A natureza e os encantos agrestes d'aquelle sitio, que ainda hoje inspiram mesmo almas vulgares, não podiam deixar de actuar fortemente sobre a imaginação do poeta, e talvez lhe inspirassem alguns dos melhores trechos dos *Lusiadas*. No entanto é muito para notar que nada, que a isto induza, diga Camões no seu poema, nem nas outras suas obras, e que não falle de Macau, nem d'esta gruta, cuja descripção, pelos accidentes e bellezas naturaes que a rodeiam, daria bellissimos quadros poeticos. É, porém, fóra de duvida ter o nosso poeta residido n'aquella cidade.

Depois de haver militado na Africa, onde provavelmente perdeu o olho direito, passou á India em 1553. Alli aportou no mesmo anno, e logo em novembro embarcou na armada em que o vice-rei D. Affonso de Noronha foi contra o rei de Chembé. Pouco depois fez o cruzeiro do mar Roxo.

Pretendem uns que Francisco Barreto degradára o poeta para as ilhas Molucas, o que não parece exacto, porém sim que fosse nomeado provedor dos defunctos em Macau pelo mesmo governador, devendo ter ido para aquelle destino em 1555, pouco mais ou menos. D'alli veiu provavelmente removido por culpas que lhe taxaram, relativas á administração do dinheiro que estava a seu cargo, do que sem duvida se justificou.

Alguns querem que o naufragio fosse á ida para a China, e mesmo um contemporaneo o affirma, porém mal informado. Foi evidentemente na volta para Goa, como se deprehende dos versos dos *Lusiadas* (canto x), onde o poeta allude a esta desgraça, referindo-se á costa de Camboja, onde ella succedeu.

«Este receberá placido e brando
No seu regaço os cantos, que molhados
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapados.»

Continuou a servir na India até 1569, em que regressou a Lisboa, sendo por este tempo encontrado em Moçambique pelos amigos que o trouxeram ao reino, subscrevendo para a passagem e para occorrer a algumas necessidades do infeliz Camões, que luctava com a indigencia.

Chegou a Lisboa quando findava a peste, á qual, pelos horrorosos estragos que causou, se deu o nome de *peste grande*. Aqui foi victima com outros seus compatriotas das successivas calamidades que affligiram a patria desde o anno do seu regresso até ao da sua morte, que, segundo as indagações e documentos publicados recentemente pelo sr. visconde de Jorumenha, occorreu n'esta cidade aos 10 de junho de 1580, e não em 1579, como geralmente se acreditava. O documento é o seguinte:

«6765 rs.— no thesoureiro da chancellaria da casa do civel a Anna de Sá mãe de Luiz de Camões, que Deus aja por outros tantos que ao dito seu filho eram devidos de 1 de janeiro do anno de 1580 até 10 de junho dele em que faleceu a rasão de 15000 rs. por anno de tença em Lisboa 13 de novembro de 1582 por Duarte de Castel branco.»

Sobre o anno do nascimento de Camões tambem houve duvidas, escrevendo alguns que fôra em 1517; mas todos os biographos modernos adoptam a data de 1524. Não é exacta a ascendencia que lhe dá o auctor do artigo inserido no jornal de Coimbra o *Instituto;* sendo aliás louvavel o interesse com que procurou, á vista de alguns documentos que encontrou n'aquella cidade, elucidar a questão do logar, do nascimento, e dos paes do nosso poeta, a quem faz natural de Coimbra. Enganou-se, porém, porque o foi de Lisboa, e filho de outro Simão Vaz (não o que se indica no dito artigo), e de D. Anna de Sá de Macedo.

Mas, voltando ao nosso assumpto, de que insensivelmente me afastei, pelo interesse que excita tudo que se refere a Camões, direi que a gruta d'este nome está hoje incluida na quinta ou horta, como lhe chamam em Macau, da bella residencia do cidadão Lourenço Marques, morador d'aquella cidade. Esta quinta ou antes vasto jardim, teria apreço mesmo nas primeiras capitaes da Europa, pelos caprichos e naturaes bellezas que encerra, e pela pericia com que a arte as realça. Contém um monticulo, que para a parte do rio ou porto interior de Macau é quasi cortado a pique, sobranceiro á povoação chineza de Patane, e para o outro lado é envolto por semicirculos de enormes penedos. Da terra vegetal, em que assentam, brota infinidade de arvores de variadas especies, sempre virentes, formando lindo e copado bosque; destacando entre ellas, por sua corpulencia e magestade, as que chamam de pagode, a que na India denominam *banian-tree*, e *balete* nas ilhas Filippinas. Esta arvore adquire proporções gigantescas, e com suas raizes enlaça e cobre os rochedos proximos, vestindo-os como de uma tunica de fibras. Dos seus ramos flexiveis nascem delgadas raizes, que se debruçam ou pendem perpendicularmente, como attrahidas para o solo, onde, apenas tocam, se arreigam, e formam novos troncos ou columnatas ligadas á arvore principal.

Enormes massas de rochedos impendentes em posições caprichosas parece que só conservam o equilibrio pelos liames que sobre elles estende a formosa arvore de pagode, ameaçando perpetuamente com a sua quéda ao passeante que divaga pelos estreitos e pittorescos caminhos, que artisticamente cruzam este accidentado terreno.

No cumulo d'este monticulo, um dos pontos mais elevados da cidade, ha uma pequena planura, e n'ella a célebre gruta de Camões, formada por tres grandes penhascos. Parece que mão de gigante alli adrede os collocára para abrigar aquelle outro gigante da intelligencia e da poesia!

Dois dos rochedos formam como duas paredes parallelas, que distam entre si 135 centimetros, no prolongamento de 322, e com a altura de 450. O terceiro assenta horisontalmente sobre aquelles em fórma de tecto, que á maneira d'um alpendre fica saliente para a parte oriental da gruta.

O actual proprietario, o mencionado cavalheiro Lourenço Marques, animado de não vulgar patriotismo, tem continuado a obra dos seus antecessores, esmerando-se em aformosear este sitio, já de si tão bello, no que tem feito consideraveis despezas, reparando constantemente os frequentes estragos occasionados pelos tufões. Pena é, a meu ver, que intentasse tambem embellezar a gruta de Camões, com os dois porticos de alvenaria, que ornam as duas entradas correspondentes, fechadas por cancellas baixas de madeira; mas como para estas innovações de mau gosto não foram quebrados os rochedos, é facil fazel-as desapparecer, e restituir á gruta a sua rudeza e simplicidade primitivas.

No centro da gruta ha um pedestal quadrilongo, de 56 por 111 centimetros de base, e de 153 de alto, e nas faces correspondentes ás duas aberturas estão gravadas na pedra seis oitavas dos Lusiadas. Sobre o pedestal está o busto de Camões, moldado em greda e bronzeado por artistas chinezes, lendo-se na base:

NASCEU	LUIZ	MORREU
1524	DE CAMÕES	1579

Na architrave do portico principal estão esculpidas as seguintes lettras 具 [illegible] 干 que significam «*O sabio por excellencia.*» Do mesmo modo nas pilastras, de alto a baixo, se vêem os caracteres seguintes, oito em cada uma, principiando a ler-se pelo lado direito do espectador e verticalmente, segundo o systema da escripta dos chins:

奇	*Ki* (Seos) admiraveis ou sublimes	才	*Tsai*, (Em) talento (e)
詩	*Xê* versos	德	*too* virtudes
大	*ta* grandemente	超	*Chao* excedeu (o poeta) aos
興	*hím*, floreceram; (e agora)	人	*jen*, (mais) homens; (mas)
立	*li* levantou-se-lhe	因	*in* por
碑	*pei* (este) monumento	妒	*tu* inveja
傳	*choan* (para) passal-o ás	被	*pi* foi
世	*xé* gerações	難	*nan* perseguido ou soffreu trabalhos

A traducção é perfeitamente litteral, e feita recentemente pelo insigne interprete Martinho Marques, morador e natural de Macau. As palavras impressas em grifo são os sons das respectivas lettras chinezas, lidas segundo a pronuncia do dialecto mandarim. As palavras entre perenthesis acrescentam-se para tor-

nar o sentido completo, accommodando a phrase á indole das linguas europeas. Eil-a seguidamente: *Em talento e virtudes excedeu o poeta aos demais homens, mas por inveja foi perseguido. Seus admiraveis versos grandemente floreceram, e agora levantou-se-lhe este monumento para passal-o ás gerações.*

É muito para notar que só passados quasi tres seculos depois da morte de Camões, é que se dedicasse este primeiro e humilde monumento á sua memoria, lá na Asia extrema, nos ultimos confins da monarchia, e com essa inscripção chineza, de quasi ninguem comprehendida, mesmo entre os portuguezes de Macau; podendo dizer-se que symbolisa o ingrato esquecimento dos que fallavam a mesma linguagem, eternisada na terra pelo sublime Poeta. Louvores mil ao benemerito cidadão Lourenço Marques, que primeiro, entre tantas gerações d'ingratos, remiu para si esta feia culpa nacional.

Sobre a grande massa de granito, que fórma o tecto da gruta, ha o mirante que representa a estampa, que remata lindamente o bosque pyramidal, e d'onde se desfructa deliciosa vista. Releve-se-me que reproduza aqui o que já escrevi n'outra parte, tratando d'este mesmo assumpto, para dar idéa das impressões que o sitio produz.

«D'alli nas suaves horas da madrugada d'um bello dia, ou nos poeticos e saudosos instantes do occaso do sol, uma alma sensivel e melancholica póde gozar doces extasis; ora olhando os sacros rochedos que deram abrigo ao grão Poeta, e os antigos troncos que lhe ministraram sombra; ora vendo as limpidas aguas e as ilhas verdejantes, os montes fronteiros e as varzeas graciosas, por onde triste dilatava os seus olhos; e por fim contemplando o formoso céo que lhe inspirava os carmes!

«No murmurio das ondas, e no sussurrar do bosque; no gemer da brisa, e no canto da ave; os ouvidos d'alma parecem escutar o nome do cantor immortal! Na solidão da natureza, e no recolhimento do espirito, tudo alli de Camões diz a saudade!

«A natureza e a poesia parece terem feito d'este logar o templo do grande Genio, onde é forçoso que lhe tribute poetica adoração todo aquelle que se preza de ter nascido na terra que elle tanto amou!

«Quão maviosas, quão tocantes soam alli aquellas palavras que um insigne poeta moderno poz na boca de Camões!

«Oh gruta de Macau, soidão querida,
Onde tão doces horas de tristeza,
De saudade passei! gruta benigna
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas,
Oh fresquidão amena, oh grato asylo
Onde me ía acoitar de acerbas magoas,
Onde amor, onde a patria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terriveis
Que hão de affrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se além d'ella e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.»

Contiguo á gruta para o lado do oriente estão esculpidos n'uma pedra, e em lettras doiradas os versos seguintes:

«Patané lieu charmant et si cher au Poéte
Je n'oublierai jamais ton illustre retraite;
Ici Camoens, au bruit du flot retentissant,
Mela l'accord plaintif de son luth gémissant.
Au flambeau d'Apollon allumant son Génie
Il chanta les Héros de la Lusitanie:
Du Tage à l'urne d'or, loin des bords paternels
De Bellone il cueillit les lauriers immortels:
Malheureux exilé, cet émule de Homère
Acheta son Génie au prix de sa misère.
Il posséda, du moins pour charmer ses douleurs,
Les baisers de l'amour et les chants des neuf sœurs.
Lusus et les chinois honorent sa mémoire:
Le temp qui détruit tout agrandira sa gloire.
Moi qui chéris ses vers, que pleurai ses malheurs
J'aimais à saluer ces bois inspirateurs.
Je visitais cent fois cet humble e noble asile;
Dans ta Grotte, ó Louis, mon cœur fut plus tranquille.
Agité plus que toi, je fuyais dans le champs,
Et le monde e mon cœur, l'envie et les tyrans.»

«AuGrand Louis de Camoens, portugais d'origine castillane
Soldad religieux, voyageur et poéte exilé;
L'humble Louis de Riensi, français d'origine romane,
Voyageur religieux, soldad et poéte expatrié.»
30 Mars 1827.

O logar em que foi construido o mirante, seria muito melhor aproveitado para collocar a estatua de Camões, á qual serviria como de magestoso pedestal o monticulo que já descrevemos, em cujo vertice está a gruta, e que parece a natureza se esmerou em preparar para esta devida homenagem ao grão Cantor das nossas glorias. Hoje, que são prósperas as circunstancias de Macau, bem se poderia isto realisar por meio de uma subscripção, appellando para o patriotismo e bizarria dos seus moradores ou aliás pelo excedente de dinheiro que ha agora nos cofres publicos d'aquella possessão.

A gruta de Camões tem inspirado varias poesias aos viajantes que a visitam. Algumas d'ellas publicaremos ainda.

C. J. CALDEIRA.

MANDARIM EM VISITA.

A seguinte estampa representa o modo e sequito, com que na China um mandarim sae em visita. «Em todos os pontos em que se cruzam duas ruas, (diz o russo Timkowshi, na relação da sua embaixada a Pekin) ou em cada ponte, ha seges de duas rodas, que equivalem aos fiacres dos nossos paizes da Europa. São forradas de setim, ou de veludo, e puxadas por mulas ou cavallos. Os primeiros d'estes animaes são de admiravel actividade. *Os grandes*, e sobre tudo as damas, *usam de cadeirinhas levadas por homens;* sempre com dependencia d'auctorisação do imperador».

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. [1]

II.

Soára em agosto de 1820 o primeiro grito da liberdade no Porto, repercutido logo em Lisboa e em todos os angulos do reino; phenomeno estranho e quasi incrivel para os que o não presenciámos. Portugal, submisso, humilde, abjecto e quasi todo sincera e religiosamente monarchico, pela sua educação de seculos, acordou liberal, liberalissimo, enthusiasta, sem excepção de um só homem, de uma só mulher, de uma só criança, com plena acquiescencia do exercito, da nobreza, da magistratura, do alto e baixo clero e das ordens mesmas religiosas.

(1) Tivemos occasião de observar a estatueta do sr. Castilho, cuja cópia em gravura reproduzimos no numero anterior do Archivo. Tem 43 centimetros de altura, e é moldada n'uma composição italiana imitando pedra. Este trabalho do sr. Bordalo Pinheiro deve fazer parte d'uma collecção de estatuetas representando alguns dos nossos homens mais notaveis. A do 1.º duque de Palmella deve seguir esta a que nos referimos.

O laboratorio de esculptura dos srs. Cesar Bonfá & Bordalo Pinheiro, na praça da Alegria, é já recommendavel pelas obras de que se tem encarregado, tanto de ornato como de figura. A pericia do cinzel casa-se n'aquelle *atelier* com a correcção esmerada dos desenhos.

Foi um memorando periodo aquelle, comprehendido entre o 24 de agosto, o 15 de setembro, o 1.º d'outubro e o 25 de janeiro.

As opposições, passado o primeiro delirio, não podiam deixar de apparecer, e crear bandos, que, em futuro não remoto, haviam de vir ás mãos e cobrir a terra de sangue portuguez. Mas a liberdade estava então no berço, ria para todos; todos seduzidos pelas suas graças criam n'ella e a adoravam. Quanto se não deviam extremar n'esta idolatria almas de mancebos, e mancebos poetas!

Foi n'estes dias d'enthusiasmo que Antonio Feliciano de Castilho achou dentro em si uma voz que lhe dictava com a velocidade e a abundancia do mais espontaneo improviso, essas energicas saudações á liberdade recemnascida, que fizeram estremecer de arrebatamento auditorios compactos. Uma das suas mais brilhantes improvisações foi no salão de S. Carlos, quando em meio do espectaculo foi lida do camarote do ministerio a participação official vinda do Rio de Janeiro de que el-rei D. João VI acceitava a constituição que as cortes geraes, extraordinarias e constituintes houvessem de fazer.

Castilho não colligiu estas peças politicas, algumas das quaes existem impressas em periodicos d'aquelle tempo.

A universidade de Coimbra, hoje tão prosaica, mas que desde Camões, Ferreira, Sá de Miranda e outros classicos tinha sempre conservado ininterrupta a tradição poetica, a universidade de Coimbra apresentou no periodo de que fallâmos *outeiros* que ainda são lembrados com admiração, e em que figuraram, além do nosso auctor, seu irmão Augusto Frederico de Castilho, Garrett, Pereira Marecos, José Maria Grande, o padre José Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouvêa, José Victorino Freire Cardoso da Fonseca, Antonio Cyro Pinto Osorio, José Pinto Rebello de Carvalho, Francisco de Senna Fernandes, Passos Manoel e muitos outros que o turbilhão dos subsequentes acontecimentos arrancou do Parnaso para o mundo positivo, e se finaram, ou vivem esquecidos da litteratura.

Eram os outeiros, desde os do seculo passado de que era rei bocage, até estes solemnes que se faziam na propria *sala dos capellos* da universidade, a que assistiam o corpo cathedratico e academico, cavalheiros e damas, ao som de musicas, illuminados, apparatosos, palpitantes, como hoje se lhes chamaria, se os houvesse ainda, e que só em casos excepcionaes se concediam; eram os outeiros, dizemos, um campo de competencias lyricas, fecundo estimulo para poetas, e espectaculo delicioso para ouvintes. Agora a mocidade academica envelheceu; deixou apagar o fogo sagrado, e atirou ao vento as cinzas frias d'aquelles altares d'então. Não é só á juventude academica que isto succedeu; epidemia tal foi a da prosa sêcca e ultra-positiva, que tudo veiu por fim a invadir-nos.

Em 1822 Castilho deu a lume a primeira edição da *Primavera*, que depois reimprimiu, inteiramente refundida, em 1837.

Compõe aquelle tão saudoso como ridente poema festivas commemorações de *outeiros*, mas outeiros nomades, peregrinados pelas aguas do Mondego, em barcas engrinaldadas de amigos e flores. Mas que amigos não eram os amigos, e que flores as flores de então para o nosso poeta! A *Epistola á Primavera*, *Um dia de Primavera*, *Os cantos de Abril*, *A festa de Maio*, são recordações d'aquella sua alvorada, em que o espirito e coração lhe desabrochavam esplendidos aos vinte annos, sem ver no mundo cuidados, na vida espinhos, na luz sombras, no futuro magoas. Tudo então cantava com elle. A Lapa dos Esteios era o templo d'onde aquelles mancebos sinceros offereciam á natureza dadivosa a pureza das suas aspirações e os juramentos do seu amor sem limites, como tudo que abre os braços para o infinito. As rosas d'aquelle abril, as estrophes de tão maviosos outeiros não volverão jámais. Aquella voluptuosidade santa que inspirou hymnos enamorados á generosidade da terra, aos suspiros dos zephyros campestres, á memoria dos homens bons d'outr'ora, aos vinculos da fraterna amizade, em que se lhe iam á mercê da ventura todos seus pensamentos d'aquella idade feliz, essa delicia que a musa social e christã lhe foi alli delineando pelos marmores semi-pagãos de mythos redivivos, sente-a o leitor d'alma, que folhear a *Primavera;* sente-a agora, como a sentiu então o poeta, como elle mesmo a sente hoje quando, de longe em longe, vae visitar em piedosa romaria de affectos aquelle seu altar votivo de mais ditosos dias.

Zacharias e Gessner, Florian e Chénier não cantaram a simplicidade da vida rustica, nem celebraram as opulencias campesinas, mais fervorosos do que o nosso poeta alli o fez.

Allude Castilho n'um de seus prologos á divisão estabelecida por Alexandre Dumas entre as phases ou idades da vida do escriptor. Tres são ellas, segundo o auctor da *Catharina Howard:* a primeira, quando a phantasia prevalece á razão; a segunda, em que a phantasia e a razão se embalançam, ajudando-se mutuamente, e vindo a formar-se d'ambas as duas uma só força neutra; a terceira, em que a razão prevalece á imaginação.

Se a alguem parece pertencer a *Primavera* á primeira idade do poeta, os que n'ella virem avantajado passo para a nossa regeneração litteraria, e ainda a emancipação dos moldes velhos, e restauração dos modelos que não envelhecem nunca, hão de concordar comnosco em que este poema bucolico mais caberá á segunda phase da vida do escriptor, apesar de ser colhido tão bello ramalhete n'esses annos viçosos, eden em que Dumas colloca a primeira idade litteraria.

O seu leitor, o companheiro de suas magoas e folguedos, o parceiro de suas vigilias poeticas, foi n'este viçoso livro celebrado com toda a ternura do reconhecimento e da amizade. São a seu irmão Augusto Frederico de Castilho, distincto nas lettras e decidido cultor da poesia classica, dirigidos estes singelos versos do 2.º canto da *Primavera*:

> «Vejamos, meu irmão, a tua escolha.
> Eis-te como eu cingido de violetas.
> Ah! quanto são eguaes os gostos nossos!
> Abraça-me, cantor da natureza,
> Um ao outro, um pelo outro aqui juremos
> Juntar sempre em buscal-a a industria nossa.
> Abraça-me outra vez: nossa amizade,
> Nossa terna amizade, e nosso estudo
> Aperte mais e mais do sangue os laços.
> Se jámais fado atroz nos separasse....»

Sempre no meio das alegrias intimas, pensamentos melancholicos! O poeta é feito assim. Presente o bem como adivinha o mal!

A contra-revolução ou reacção de junho de 1823, conhecida pela denominação dos *inauferiveis*, veiu desfazer os dourados sonhos de liberdade, restabelecendo o absolutismo em Portugal. O *Te-Deum* virava a casaca, segundo a propria expressão do nosso poeta. (¹) Caíra a constituição de 1820, e para lhe festejarem a quéda, multiplicaram por toda a parte, os condecorados com a *medalha da fidelidade*, ruidosas manifestações de luminarias, repiques, hymnos, louros, vivas e foguetes. Coimbra devia avantajar-se ás demais cidades, que elementos para todo aquelle retrocesso lhe não faltavam. Nos paços reitoraes pla-

(¹) *Guarda-Avançada* n.º 17 de 25 de março de 1835, jornal de que o sr. A. F. de Castilho foi redactor em chefe.



Mandarim em visita — pag. 19 — Gravura de Flora.

neava-se triduo de capella com sermões, triduo de luminarias com outeiro. O outeiro era ponto assentado, porque não fosse em festas menos favorecido o golpe de estado de D. João VI, do que a inauguração constitucional. Não sobrava, porém, o mais essencial para tal festa, que eram poetas absolutistas. Lembram-se no synhedrio universitario de Castilho e seus irmãos. Fervem as negociações. Mancebos e liberaes de convicção, recusam-se; novas instancias; pedir então, era ordenar. Cedem por fim Antonio Feliciano e Augusto Frederico, mas dispostos a se mostrarem mais liberaes do que nunca. Duas peças em verso solto e um soneto, foi quanto pôde fazer n'aquelles apuros. Embora ulteriormente o auctor os achasse menos bons, as circunstancias em que os disse, e sobre tudo a audacia que testemunhavam, deram-lhes voga tal, que ainda hoje são repetidos por contemporaneos. A *Apparição* é a mais notavel d'aquellas tres peças.

Ao outeiro da universidade tinham acudido todos os notaveis do absolutismo da Beira. Conhecidas as idéas de Castilho, recrescia na primeira noite a espectativa; o auditorio silencioso pendia-lhe dos labios. Ergue-se o mancebo indefeso, e profere com muita pausa a seguinte epigraphe:

> .... poucos reis o inferno encerra,
> Porque entre poucos se divide a terra.
>
> *Gabriel Pereira* — ULYSSÉA.

Difficil será imaginar a sensação que estes dois versos produziram. Recitou então distincta e corajosamente, com a arte e energia de declamação, que sabe manejar como rarissimos, aquelle bem conhecido trecho em que evoca a sombra austera e veneranda de Fénélon.

A *Meditação* e o soneto: *Todos livres, eguaes todos nascemos,* que nas seguintes noites recitou, são tambem composições arrojadas em que ousou patentear alli as suas crenças politicas e sociaes, guardadas apenas as conveniencias da occasião.

O firmamento politico de todo em todo se foi annuviando. Quando a proxima tempestade mais acastellava as suas trevas no ceo da patria, já aos dois poetas abrigava o presbyterio da Castanheira do Vouga, onde Augusto Frederico era parocho. Na solidão d'aquellas serras, ás abas do Caramullo e do Bussaco, foi que as azas do sentimento lhes levantaram mais amplos vôos pelos dominios da litteratura amena. Foi lá que, ignorados do mundo, em quanto o bom pastor dos montanhezes traduzia para bellos versos a *Pharsalia* de Lucano, e escrevia os mais esmerados de seus sermões, Antonio Feliciano verteu parte dos *Amores* d'Ovidio, os seis livros das *Methamorphoses,* todo o Anacreonte, alguns idyllios de Moscho, muitas elegias de Tibullo, Propercio e Catullo; as odes de Sapho, algumas tragedias de Ducis, entre ellas o *Rei Lear;* compoz o seu *Presbyterio na Montanha* (inedito), e sacou a lume os tres poemas que mais o fizeram conhecido, e que estão ha muito decorados em ambos os hemispherios. *Amor e Melancholia, Noite do Castello,* e *Ciumes do Bardo.*

Dos trabalhos classicos passára para o genero romantico, sem comtudo abandonar aquelle, que sempre ficou sendo o seu predilecto.

Não se deve omittir que antes de poetar no pa-

trio idioma, se estreára na adolescencia, versejando em latim, de que existem impressos a *Galatéa, Hiems, In natalem meum*, e varios outros poemettos, uns colligidos nas *Excavações poeticas*, outros no *Jornal dos Amigos das lettras*. (1)

Quando a torrente dos acontecimentos arroja as velhas instituições para o logar que o destino lhes marcou, taes ruinas, arrastadas pelo vortice das idéas novas, vão ainda n'essa hora extrema desabar sobre os tegurios innocentes que encontram ao despenhar-se.

Tão sós n'aquelle asylo, ainda assim os não poupou a perseguição do antigo partido dynastico nos ultimos paroxismos. O poeta, ou antes os dois poetas, lograram salvar-se fugindo para o Porto, onde chegaram dias antes de D. Pedro IV desembarcar em Lisboa.

A musa grega e romana, classica e romantica, apaixonada e saudosa, amoravel como a madrugada d'um dia de abril, nebulosa como o crepusculo d'uma selva allemã, tornou a entoar então, desafogadamente, os hymnos patrioticos, fez-se outra vez extemporanea, e improvisou entre acclamações de concidadãos o triumpho e as victorias da liberdade.

(Continúa)

LUIZ FILIPPE LEITE.

INDIANAS.

DIU.

(Ao sr. Marquez de Fronteira e Alorna).

Basiliscos medonhos e lioens,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas c'os baroens,
Que tão ledos as mortes tem por certas.
Camoes, Lusiadas.

I.

Nos tempos venturosos de algum dia,
N'esses tempos de crença e de esperança
Em que a chamma da patria n'alma ardia,
Praticámos acções de tal pujança,
Que não podem cobrir-lhes a valia
Nem as façanhas da moderna França,
Que tanta gloria pelas armas toma,
Nem os velhos annaes de Grecia e Roma.

Que o diga o poder todo de Cambaya
Em torno a Diu unido em cerco estreito;
E, entre as hostes, em fim, que ao longe espraia,
O Rume-Kão feroz, á guerra afeito,
Contando que a postrema pedra caia
Só por dizer, ufano de tal feito,
— « É meu, e assim vinguei tantos revezes,
« Este pó que foi já dos portuguezes! »

Dos defensores são apenas centos,
São dos contrarios muitos os milhares,
Crescem, estes, a todos os momentos;
Tem contra, aquelles, os tufões e os mares;
Combate com propicios elementos
O mouro e o persa á porta de seus lares;
Longe dos seus o luso, em tal desterro,
A um tempo a mingoa affronta e empunha o ferro.

Mas debalde o sultão embravecido
Seus thesouros empenha e seus estados;
Duro o turco e o janizaro aguerrido
Debalde envia em batalhões cerrados.
Coge-Çofar, o capitão temido,
Blasphemo espira aos pés dos seus soldados.
Rebenta o bronze, que as trincheiras fende,
Cáe tudo; mas a praça não se rende.

(1) A Sociedade dos Amigos das lettras, editora do jornal que se publicou em seu nome, foi fundada em Lisboa em 1836 pelos srs. Castilhos, Antonio, Augusto e José.

Contava no seu gremio tudo quanto então havia na capital mais distincto em sciencias e lettras. Foi d'aquella sociedade que saiu a proposta de se procurarem os restos mortaes de Camões, e dar-se-lhes a devida honra, se houvesse a fortuna de os encontrar. O auctor da proposta foi o sr. Castilho Antonio.

Diu! Eterno padrão! Que acções honradas
Dos egregios avós ao mundo contas!
Mostra as tuas ameias mutiladas,
E os tropheos com que a injuria desaffrontas!
Mostra o que foste ás gerações prostradas,
Álerta, prompto o braço, as armas promptas,
Desvelada em continuos sobresaltos,
E mais firme depois de vinte assaltos.

É pequena esta voz da debil ode,
Frouxo o hymno de humilde *engenho e arte*.
O sudario dos seculos sacode,
Falla tu mesma, ó Diu! Em toda a parte
Attesta quanto o humano esforço póde;
E basta, e sobra, para eternisar-te,
Ante o povo, e ante a fé, por quem te empenhas,
O nome e o coração de um Mascarenhas.

II.

As bombardas retroam fulminantes,
Com rouco estrondo que o pavor espalha.
Abrazado das chammas crepitantes,
Ferve o sangue no fogo da batalha.
Treme de horror nas pedras vacillantes
O roto espectro do que foi muralha;
Mas ovantes pompeiam nas ruinas,
Nas mãos da fama, fusilando as quinas.

Tufa o vento do golpho, mais tremendas,
As largas pregas, confusão dos mouros.
Festejando estas inclitas contendas,
Prognóstico felix de novos louros,
Sorri-lhe o ceo azul por entre as fendas
Abertas pela furia dos pelouros.
Cravado em cinzas, o estandarte ingente
O imperio portuguez firmou no Oriente.

Mas quantos, quantos jazem moribundos
Á sombra tua, triumphal bandeira!
Quantos d'elles, terriveis em dois mundos,
Te dão, tombando, a saudação guerreira!
Mais d'um, tirando ao peito os sons profundos,
Murmura na agonia derradeira:
« Minha alma entrego a Deus, meu nome á gloria! »
E cáe morto nos braços da victoria.

Outros, revendo em ti, por seu tormento,
A patria ausente, e os prantos da consorte,
Vão abraçar-te, recolhendo o alento,
Para acabarem como acaba o forte;
E, enviando-te o adeus do passamento,
Dobram, calando a dor, saudando a morte,
No chão rubro o joelho espedaçado,
Que a Deus sómente, e ao rei, tinham dobrado.

Qual das veias arranca a frecha hervada,
E vae sagrar-t'a aos pés, fero holocausto
Que prova como, proximo do nada,
Inda sobra o valor no peito exhausto!
Qual, a charpa beijando ensanguentada,
Prenda saudosa d'um amor infausto,
Suspira um nome, incognito gemido,
Que só dos anjos póde ser ouvido.

Do bravo sitiador a sanha ardente,
Crescendo co'as derrotas repetidas,
Porfia astuta, lavra cautamente
Com traça nova occultas investidas;
E rasga, por tal arte, que a não sente
A prudencia que zela tantas vidas,
Nas entranhas da propria fortaleza
A cratéra que em breve estala accesa.

Renova o mouro infido os seus furores,
Como que em franco assalto combatendo,
Mas pondo a mira nos ardis traidores,
Larga o campo, sagaz retrocedendo,
Porque já, sob os pés dos vencedores,
A serpente de fogo vác correndo.
Rompe a chamma, o ar foge, a terra parte:
E, feito um cahos, vôa o baluarte.

Os barbaros com feros alaridos
Tornam de golpe aos bastiões desfeitos,
Mas encontram, reparos não rendidos,
Sobre os escombros invenciveis peitos:
Assombram-se; e, volvendo espavoridos,
Nem sequer, mais crueis que satisfeitos,
Quando o vacuo medonho surge á vista,
O inflammado volcão tem por conquista.

Cinco, só cinco, impavidos ousaram
Suster o impulso aos bastos assaltantes;
O braço ao braço oppondo, a turba encaram,
Mais que heroes n'uma lucta de gigantes;
Entre um bosque de lanças sustentaram
A brecha horrenda, firmes como d'antes,
E viu-se com braveza desusada,
No mesmo golpe entrar mais d'uma espada.

Ai! cara gloria, feito doloroso,
Que ao crestado laurel tolda a verdura
De tanto sangue, e sangue tão precioso!
Alli acharam morte e sepultura
Coutinho, Sousa, Almeida, e o Grão-Reynoso,
O temerario Ajax, audaz figura,
Que nem ao raio quer voltar o rosto,
E deixa a vida, mas não deixa o posto.

Tambem lá foste, ó Castro denodado,
Gentil mancebo, digno, por tua alma,
De tal pae, de tal nome, e de tal fado.
Do leito morbido em que a dor se acalma
Saes a buscar a campa do soldado,
E do soldado achaste a heroica palma,
Antepondo com brios sobre-humanos
A flor da heroicidade á flor dos annos.

Mas ficam outros, a quem move a lança
Irresistivel furia ao ver tal scena.
Á frente d'elles, a bradar vingança,
Esforça a todos, e por todos pena,
O grande Mascarenhas que não cança:
Soldado e capitão, combate e ordena;
Mais que um pae nos desvelos que o consomem,
Nas acções de guerreiro mais que um homem.

Um ataque após outro é repellido,
O exemplo e a voz animam a peleja.
Onde o risco é maior, mais atrevido
De Mascarenhas o guião flammeja.
O proprio sexo fragil, destemido,
Aos mais fortes varões causando inveja,
Com desprezo da morte á lucta accorre,
Auxilia, combate, incita, e morre.

Uma vela! outra! e outra! Grato instante!
São as galés do vice-rei que chegam.
Cada qual mais intrepida e arrogante,
Empavezando as flammulas navegam.
São Jorge, e a elles! Pela brecha! Avante!
Largas ondas de sangue as praias regam,
E os echos d'este embate furibundo
Do Oriente á Europa vão, da Europa ao mundo!

MENDES-LEAL JUNIOR.

INCREMENTO E PROGRESSO

DA RELIGIÃO CATHOLICA EM CEYLÃO.

(Continuação.)

Desde aquelle periodo até á conquista dos estabelecimentos portuguezes pelos hollandezes, que se terminou em 1658, nada occorreu que mereça especial menção, relativo ás cousas religiosas, excepto a conversão de Wijaya Paala, principe de Ouwa, e irmão do rei Raja Singha II, o qual, tendo sido mandado a Goa pelos portuguezes, foi, em 1545, por sua livre vontade, baptisado n'aquella cidade com mais quatro dos seus. Parece que este principe não voltou mais para Ceylão, mas que ficára em Goa, dedicando-se inteiramente aos deveres da religião, e que alli morreu em 1654. (1)

Não chegaram até nós exactas noticias do estado da egreja catholica em Ceylão no tempo em que cessou o governo portuguez; comtudo alguma apreciação poderemos fazer, ainda mesmo com as insufficientes informações que se colhem nas obras de Ribeiro e Baldeus. Segundo estes escriptores, havia na praça de Colombo duas egrejas, uma sob a invocação de Nossa Senhora, e outra de S. Lourenço; quatro conventos, um pertencente aos franciscanos, outro aos dominicanos, um de agostinhos e capuchinhos, e um collegio de jesuitas, onde se ensinavam classicos e philosophia. Fóra da praça existiam sete freguezias. Em Galle havia perto de 600 christãos indigenas, uma parochia e um convento de franciscanos. Havia tambem uma egreja em Malwana, o sanatarium dos portuguezes, e capellão, tanto n'aquelle logar, como em Caltura, Negombo e Batticaloa. Em Manaar havia sete egrejas, e outras tantas em Wanny, em quanto em Jaffna havia uma egreja e collegio de jesuitas ao poente da cidade, e uma egreja e convento de dominicos ao nascente, além de um convento de franciscanos; e quando a praça foi capitulada aos hollandezes, saíram para fóra d'ella uns quarenta ou cincoenta ecclesiasticos, franciscanos, jesuitas, e dominicanos. Na provincia de Walligam havia quatorze egrejas; em Tenmarachy cinco; em Wadamarachy tres; em Patchellepalli tres, e uma em cada ilha circumvisinha. Em Putlam havia uma egreja, e cerca de 1:000 christãos, mookwas, provavelmente.

Os hollandezes, segundo parece, tinham concebido implacavel odio não só aos portuguezes, mas tambem a todos os objectos concernentes á religião que elles professavam. Acha-se um frisante exemplo do que levâmos dito no que escreve o general portuguez Antonio de Souza Coutinho, na sua *Relação do cerco de Colombo pelos hollandezes*.

«Á minha penna, diz elle, carecem palavras para exprimir as affrontas perpetradas pelos hereges contra as santas imagens, do que vos darei um exemplo. Tomaram a imagem do santo apostolo Thomé, e depois de lhe terem cortado o nariz, as orelhas e os braços, foram collocal-a sobre um marco para lhes servir de alvo; depois de a apedrejarem, pregaram-lhe muitos pregos dos mais grossos, e a atiraram de um mosteiro para o fosso.» (1)

Parece tambem que os hollandezes começaram a sua administração em Jaffna mandando matar varios catholicos alli residentes, e entre elles um padre jesuita chamado Caldeira, que, por motivo de molestia, não se tinha podido retirar com o resto dos clerigos portuguezes para a India, na entrega da praça. Baldeus, que faz menção do caso, assevera que elles tinham conspirado contra o governo; todavia confessa que o padre Caldeira não era comprehendido no plano, e muito menos dera para elle o seu consentimento; porém que tendo-lhe alguns dos traidores dado noticia d'elle por cartas em que o tratavam por *padre das suas almas*, elle não o revelou. Tres d'estes infelizes foram conduzidos para cima da roda, onde lhes abriram a machado um golpe no pescoço e no peito, arrancaram-lhes depois as entranhas, e tiraram-lhes o coração pela bocca. O padre Caldeira foi degollado; outros onze foram enforcados, e os seus corpos, depois da execução, expostos em arvores. (2)

Tanto que os hollandezes subjugaram as provincias maritimas, logo baniram todos os padres catholicos, e entretanto foram tomando posse de todas as egrejas e conventos, desfazendo os collegios, e pondo em pratica tudo que lhes foi possivel para derrubar a religião catholica, e substituil-a pela sua. Entretanto nenhum dos escriptores protestantes confessará que os hollandezes compelliam os catholicos ou os gentios a converter-se ao protestantismo.

(Continua) *L.*

(1) Luiz Ribeiro, *Historia de Ceylão*, p. 117.

(1) Churchill's, *Collection of Voyages*, vol. III, pag. 767.

(2) Ibid. Vol. III, pag. 799.

ABUTRE FOUVEIRO OU ALOURADO.

(Vultur fulvus).

As aves, como os outros animaes, são empregadas pela natureza na execução de suas leis; são obreiros que a Providencia distribuiu pelas regiões do mundo, e cada especie com seu destino e trabalho especiaes, commummente em beneficio e proveito do homem.

Se estudarmos as harmonias naturaes do globo que habitamos, não deixará de admirar-nos a sollicitude com que foi dada a cada clima sua ave benefica. Nas terras quentes e humidas da Cayenna pullula prodigiosa quantidade de formigas, e tambem em nenhuma parte multiplicam tanto os passaros que as destroem; os grous de Numidia esgaravatam nos paúes e brejos buscando os vermes e os sapos; as garças giram nos campos africanos nutrindo-se dos reptis alli abundantes; e a andorinha expurga de insectos o ar em o nosso clima.

Do mesmo modo a Providencia vigia a bem do Egypto; quando se retiram as aguas do Nilo e as lezirias humidas ficam cobertas de reptis venenosos, vem chegando longas fileiras de pelicanos, grous, e outros generos de aves, procedentes das praias do mar Roxo e das costas da Grecia; estes bemfeitores enviados do ceo baixam áquellas planicies e as livram da praga que as ameaça; de maneira que, quando o indolente mameluco, assentado nas ruinas que continúa a devastar, vê com indifferença as causas de um contagio, a natureza lhe acode guiando



nuvens de aves para as veigas encharcadas, e sempre constante na sua carreira derrama sobre esse povo decadente, e que apenas ha poucos annos tem feito alguns movimentos para rehabilitar-se, os mesmos beneficios que em estação igual dispensava ás victoriosas nações de Sesóstris e de Cheops.

Os abutres, ou buitres como lhes chamavam os nossos antigos, que se acham em todas as regiões quentes e nas temperadas, limpam a terra de sevandijas e de carniças putridas. Em Carthagena habitam nas soteas e eirados das casas; e passeiam nas ruas, prestando ao homem o serviço de desobstruir das immundicies a cidade, que se elles não fossem não poderia habitar-se. É por isso que o seu aspecto, conforme com os seus habitos, é sujo, e por assim dizer nojento.

Ha varias especies de abutres, e fazem seu domicilio em rochas escarpadas, pelo que muitos preferem a visinhança de serras, onde aninham. Vivem de ordinario aos pares; mas juntam-se em numerosos bandos onde quer que ha grandes multidões de homens e de animaes, nos campos de batalha para cevarem-se nos cadaveres, e seguem a pista das caravanas para aproveitarem os sobejos. O corpo é robusto e massudo; a apparencia e o andar ignobeis; o vôo pesado, mas aturado, e elevam-se obliquamente e em giros, podendo chegar a pasmosa altura. Por natureza cobardes e vorazes, só accommettem os animaes pequenos, e quando lhes falta presa viva, e mesmo fóra d'esse caso, sustentam-se de carnes corruptas e sujidades, que descobrem a distancias incriveis por seu olphato extremamente apurado; comem com tamanha sofreguidão e gula, que, estando fartos, ficam entorpecidos até que a digestão acabe; deitam de si um cheiro infecto.

O abutre fouveiro é de um cinzento arruivado, por cima e por baixo, com o pescoço revestido de uma pennugem esbranquiçada, e tem as pennas das azas e cauda escuras. *M.*

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.